

O avá-canoeiro melhora. E hoje deve ir a Brasília.

O índio arredo, provavelmente da tribo em extinção dos Avá Canoeiro, que há três semanas está vivendo com agricultores no projeto Angical I, do Ministério da Reforma Agrária, Oeste da Bahia, já estava sendo preparado ontem para uma nova aventura. Ainda hoje, ele será levado para Brasília pela Funai, que vai tentar integrá-lo no pequeno grupo Avá Canoeiro remanescente em Minaçu, Norte de Goiás.

Deitado numa rede que ganhou há dois dias e falando sempre baixo, em sua língua de origem, o tupi, Avá — como ele está sendo chamado — finalmente recebeu ontem a visita de dois sertanistas da Funai. Eles se deslocaram para a área atendendo aos apelos dos técnicos que trabalham no projeto para que o órgão tutor tomasse alguma providência. O coordenador das frentes de atração da Funai, Sidney Possuelo, e o sertanista Wellington Figueiredo, passaram a manhã procurando ganhar a confiança do índio, tarefa que não apresentou qualquer dificuldade aparente. Possuelo mostrou-lhe fotos de outros Avá Canoeiros já em contato com a Funai, e foi pródigo em afagos e abraços sempre retribuídos pelo sorriso Avá.

Os sertanistas examinaram as flechas e o arco que o índio guarda com cuidado, entre alguns poucos pertences, chegando à mesma conclusão dos antropólogos sobre seu grupo de origem. Persiste, no entanto, uma dúvida que os sertanistas estão procurando esclarecer: Avá estava mesmo sozinho ou com grupo de índios que teriam fugido antes de serem descobertos pelos agricultores?

D. Espelina Rosalina, que hospeda o índio em seu casebre de taipa, de três cômodos, acha que podem existir outros índios ainda na área. "Algumas pessoas têm ouvido durante a noite assobios estranhos que vêm da mata, e podem ser dos índios", conta. Possuelo quer agora verificar se há algum sinal de acampamento na região em torno do projeto, mas considera cedo ainda para tirar qualquer conclusão.

Alheio à confusão à sua volta, Avá fica mais tempo deitado na rede, quase sempre cercado pelos 11 filhos de dona Rosalina e do agricultor Luiz Rego. As crianças se divertem com suas brincadeiras, e estão resistindo à transferência de Avá para Brasília, distante 650 quilômetros de Angical I. Sidney Possuelo mostrou ao índio várias fotos de Avá-Canoeiros já contatados pela Funai. Mas o índio não demonstrou surpresa nem entusiasmo, procurando apenas repetir os gestos e entonação do sertanista. Avá está tossindo muito, mas ontem parecia bem disposto, aceitando toda comida que lhe era oferecida. Com sorte, vestindo a blusa que ganhou do antropólogo André Toral, e usando, de forma desajeitada, sandálias havaianas, Avá acabou entendendo que sua nudez causava constrangimento no povoado. Nos últimos dias, ele passou a tirar a roupa apenas no rio onde gosta de nadar. Nos primeiros dias de contato, o índio ainda andava nu pelo povoado. D. Espelina dizia já ter perdido o medo que sentia de índio. "Na primeira noite, nem pude dormir, com receio dele ficar violento", confessa. Seu marido, Luiz Rego, contou: "Foi meu vizinho Nonato que encontrou o índio a dois quilômetros daqui de casa", conta o agricultor. "Ele acabou sendo desarmado sem demonstrar resistência e, guiado pelos agricultores, chegou ao povoado."

Ellana Lucena



Avá, agora mais bem disposto.

Ricardo Chaves/AE